

## VAMOS TER AGUA FARTA E BARATA?

A Câmara Municipal de Lisboa pretende remir o contrato da Companhia das Águas. Não sabemos se dessa operação resultarão vantagens apreciáveis para a população. Só os factos no-lo poderão dizer ao certo. O que sabemos é que se tivesse, nas vercações anteriores, havido menos protecção ao esse potentado e mais consideração pelos interesses do público a remissão já se teria feito—e o sr. Carlos Pereira, isto é, a Companhia das Águas, já teria deixado de trocar de todos nós.

Nós conhecemos a fundo quais são as intenções da comissão administrativa da Câmara. Seria necessário que tivéssemos a faculdade de ver a alma humana para avaliar com segurança das intenções dos homens. O que sabemos, entretanto, é que o monopólio das águas já deveria ter terminado há muito, visto que tendo a Companhia obrigações para com o público, e não as cumprindo, perdeu todo o direito de exigir que os outros—público ou município—cumpram para com ela a letra de um contrato que ela foi a primeira a trair.

Se estamos, portanto, absolutamente de acordo que se retire à companhia das Águas a faculdade absurda de continuar a explorar-nos, já não achamos muito certo que a indenizemos.

Da remissão do contrato deveriam resultar apreciáveis vantagens para o público, farto de ser explorado e massacrado nesta questão das águas. O preço do líquido se não baixasse deveria pelo menos manter-se como está—que bem caro é. E o abastecimento deveria tornar-se muito mais abundante.

Será esta a intenção da Câmara? Não o sabemos. Mas se não é, devê-lo-ia ser.

Se a água abundante e barata não há possibilidade de observância dos preceitos de higiene numa cidade como Lisboa. E a água ainda não entrou—talvez por esses motivos, ser escassa e cara—nos hábitos da população. É necessário abrir balneários por todos os cantos, lavar e esfregar os asfaltos, banhar as frontarias dos prédios, dar enfim uma limpeza geral—tanto às coisas como às pessoas.

Se a Câmara tiver boas intenções e souber, sem grande sacrifício para a bolsa do povo, meter a companhia na ordem, retirando-lhe o bolo que ela vem saboreando, talvez, em matéria de higiene, Lisboa comece a familiarizar-se com a civilização.

## FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

## A fuga dos esfomeados

A emigração intensificou-se de tal modo que os patriotas começam a alarmar-se. Já há quem fale na falta de braços, na falta de braços para explorar.

Não há falta de braços, pelo menos neste momento em que milhares de operários em todos os pontos do país se encontram sem colocação. Dá-se até a circunstância de a crise de trabalho, em vez de se atenuar, continuar agravando-se mais.

Ainda, há dias, em Rio de Moinhos uma fábrica, dessa sinistra e famosa União Fabril do sinistro e famoso Alfredo da Silva, cerrou as suas portas, sob a alegação da falta de matéria prima. Nessa fábrica trabalhavam 300 operários que estão agora começando a sofrer as dolorosas consequências dum desemprego que pode prolongar-se por um indefinido espaço de tempo. E outras fábricas preparam-se para também cerrar as suas portas, lançando os que nela trabalham para a miséria.

Oficialmente, a crise de trabalho é como se não existisse. A miséria dos desempregados é ignorada nas esferas do poder. Não se toma uma providência, não se leva à prática uma única medida destinada a pôr termo à situação angustiosa dos que se debatem com a fome.

A população operária vê-se colocada à margem da sociedade. E, dessa população operária, aquela parte que não tem trabalho e não tem pão, viu-se de tal modo desamparada que compreendeu, que se continuasse de braços cruzados ficaria colocada, em pouco tempo, à margem da vida.

O recurso, o único recurso que encontrou foi o de emigrar. E lançou mão dele, desesperadamente. Não nos venham falar na árvore das patacas. Fora um outro desgraçado mergulhado na mais absoluta ignorância, ninguém acredita nessa petalândia. E basta constatar que a emigração se intensificou no momento em que a crise de trabalho mostrou uma tendência para se

## Condenados às penas do inferno

De vez em quando, com uma irregularidade motivada por exigências várias, que gostosamente satisfaz, porque foram, umas por mim criadas e outras voluntariamente aceites, venho às colunas deste jornal comunicar com os leitores, eu que sou um proletário também.

Não me trazem aqui—digamo-lo mais uma vez—pretensões literárias, nem pruridos de mentor; menos ainda a vaidade ridícula de ver o meu nome em letra de forma.

Quando lanço no papel alguma coisa daquilo que leio, comentada de uma maneira mais ou menos perfeita e com uma oportunidade mais ou menos justa, vejo operários curvarem-se atentos sobre as linhas da minha prosa mal burilada e seca. Essa atenção, já por tantas vias comprovada, ponto de partida de uma laboração mental útil e fecunda, é um estímulo. Nada mais desejo que continuar a merecê-la.

Sei de antemão que o que escrevo não pode agradar a todos, nem pela forma, nem pela doutrina. Muito menos agradará a católicos, para quem, aliás, não são os meus escritos. Sei também que dos defensores da Igreja, que escrevinham, não devo esperar cortezias. Por isso mesmo já não leio as suas apreciações, onde nunca contra mim encontro argumentos.

Cotidiano! Esfalfam-se bramando que a Igreja recebeu de Deus o poder de castigar os que se afastam da verdade, não são os seus penas espirituais, mas também com penas corporais, «a prisão, a flagelação, a mutilação, a morte» (Théologie de Clamont, 1904, T. I pp. 401, 403, 404). A Humanidade se ouvisse, rir-se-ia e seguiria a frente.

Já vai bem longe o tempo em que um S. João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, dizia ao povo de Antioquia: «já que preguiço hoje da blasfêmia, quero pedir-vos a todos uma coisa em prêmio do meu sermão: vem a ser que castigues aos que basfemam na cidade. E se na rua ou na praça ouvires a alguém blasfemar, chegas e repreende-o; daí-lhe se for necessário, assentalhe a mão com uma bofetada; com lhe ferires o rosto santificas a vossa mão».

Entre nós os atuais corifeus da Igreja e os seus acólitos, que se ocupam em forjar artigos de jornais, como não podem assentar a mão, esgrimem a língua, espécie de navalha de ponta e moia sempre em riste. A's cegas e de longe despedem golpes que deixam incólume o adversário que não desce ao insulto soez da praça pública. Os alvejados que prezam a sua dignidade e sabem que à tona de um substratum anímico sujo só podem vir emanções que treandam infernais apertam o nariz entre os dedos e continuam o seu caminho.

Ainda me não pude acostumar a essas crises fóbicas, de que tenho conhecimento indirectamente. São almas que se estão perdendo, entes para quem o negócio da salvação é cada vez mais periclitante e sobre mim impende a ameaça constante de ter de tolerar a sua presença a meu lado nos caldeirões, nos fogos que nunca mais se apagam.

Como escaparão das penas do inferno católicos que se atastam dos preceitos santíssimos dos apóstolos e dos padres da Igreja?

«Pois eu digo-vos: que todo o que se ira contra seu irmão será reu em juízo; e o que disser a seu irmão Raca será reu no Conselho; e o que disser eis um todo será reu do fogo do inferno (Mateus V. 22). Estas palavras são tanto de hoje como de ontem. Jesus, que as proferiu, disse, afirmam-no os Evangelhos: «O céu e a terra passarão, mas não passará as minhas palavras».

Não fogem do fogo eterno os que vivem do insulto.

Como é que estes católicos que se consideram e apregoam detentores máximos da inteligência, esqueceram que Deus inclina-se ao humilde e lhe prodigaliza as suas

eternizar e a carestia da vida para se agravar.

Um jornal da noite chamou à partida dos emigrantes a fuga dos ignorantes. É certo que muitos dos emigrantes são analfabetos. Mas, analfabeta é a esmagadora maioria dos habitantes deste país e, portanto, a maioria dos emigrantes não podia ser composta de gente instruída. Deve pois chamar-se-lhe com mais propriedade a fuga dos esfomeados.

\*\*\*

Mas nem toda a gente pode emigrar. Nem todos podem empenhar os seus haveres para adquirir a passagem e pagar o roubaheira dos passaportes. Não podem empenhar os seus modestos haveres para emigrar porque já os empenharam para matar a fome. Se não fosse isso os milhares de desempregados que se debatem com a miséria já tinham fugido à trágica condenação que sobre eles pesa.

## A questão das águas

Formalidades a cumprir pela Câmara na remissão do contrato

O presidente da Comissão Administrativa, coronel Vicente de Freitas, conferenciou ontem com o ministro do Comércio, em nome da mesma Comissão, acerca dos desejos desta de remir o contrato celebrado entre o Governo e a Companhia das Águas, aproveitando-se assim da cláusula 7.ª do mesmo contrato que dá o direito de remissão tanto ao Governo como à Câmara, mediante o pagamento de determinadas anuidades e de outros encargos. O Governo está de acordo em que o contrato seja remido pela Câmara, devendo, no entanto, a comunicação da resolução da Comissão Administrativa tomada nesse sentido ser comunicada oficialmente. Depois disso a Câmara entrará em negociações com a Companhia.

Lê-se no Suplemento de «A Batalha»

graças e depois da humilhação à glória o eleva» (Ab. Pinnard)?

Tanta vaidade ostentam em prejuízo da salvação da sua alma!  
O seu apreciado Santo Agostinho dizia: «Quereis saber qual é a primeira virtude de um cristão que caminha para a perfeição? Pois bem, a primeira virtude é a humildade, a segunda a humildade, a terceira ainda a humildade e sempre direi que é a humildade» (Epist. LXI). São Gregório não é menos explícito acerca da humildade, o remédio heróico da vaidade e do orgulho: «Quem sem esta virtude pretende amontoar méritos nada mais faz do que atirar poeira ao vento» (Hom. VIII) e é de São Boaventura o conselho: «Sofre com paciência que te desprezem e humilhem e de ti façam pouco caso».

Tudo esquecem estas alminhas! Aquelas santas palavras de São Crisóstomo: «De ti mesmo, de teus talentos e luzes tem sentimentos baixos; pelo último dos homens te reputa» (De compunct. cordis Lib II)—e as não menos santas da limitação de Crisóstomo: «preza o viver incógnito e não ser tido em conta alguma» (Lib. I, Cap. II, n.º 3)—já não encontram eco nestas corações resequidos pelo pecado.

Na língua nunca põem freio, o que demonstra que a sua religião é vã, pois o disse São Tiago: «Se algum pois cuida que tem religião, não refratando a sua língua, mas seduzindo o seu coração, a sua religião é vã (I, 26).

Falam demais o que é insensatez, pois que «o insensato todo se espria em falar (Ecc. X. 14). Por consequência muito pecam porque «por um pecado que se comete calando, quando deveramos falar, cem se cometem falando a despropósito (S. Ambr. De officiis, Lib. I Cap. II).

Estes propagandistas da fé católica que têm sempre Deus na boca, o que fizeram da apregoada dogura de Jesus, que não procuram imitar e do preceito de não ter aversão ao próximo, que não procuram seguir?

Talvez chamem peccadilhos a estas faltas, mas como se enganam, pretendendo assim iludir o seu Deus, «Espírito que tudo penetra»! E São Tiago que o afirma «Porque qualquer que tiver guardado toda a lei e faltar em um só ponto, fez-se reu de ter violado todos (Th. II, 10). Jesus pela boca do apóstolo Lucas diz-lhes «O que é fiel ao menos, também é fiel ao mais; e o que injusto no pouco também é injusto no muito (Luc. XVI, 10).

Por tudo isto, e por muito mais que para aqui se poderia trazer, eu creio que estes propagandistas católicos estão irremissivelmente condenados às penas do inferno, não lhes sendo já possível aspirar ao Céu. Nunca, num arroubamento dos sentidos, que a língua dos simples mortais é incapaz de descrever, poderão exclamar: «Mas que abundância de consolações! que multidão de delícias! que excessos de alegria! que vasta extensão e que abismo de prazer vê a glória inefável da Trindade, desse ser imenso que não se pode compreender, dessa luz doce e arrebatadora que nunca se poderá amar assaz; vêr na São o Deus dos deuses, o Senhor dos senhores vê-lo não num espelho, nem em enigma, mas face a face» (Ab. Pinnard).

«Oh celeste Jerusalem! oh santa cidade de Deus! o meu coração anseia por ti; a minha mente deseja ardentemente a tua beleza» (S. Aug. Soliloq.).

Repelidos para as profundezas, não gozarão o que Deus tem preparado para aqueles que o amam, aquilo que «o filho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais veio ao coração do homem» (I Cor. II, 9). Não há lágrimas que cheguem para os seus peccados, embora toda a eternidade fosse gasta nessa penitência.

Nos todos, que não amamos a Deus sobre todas as coisas, mas que amamos ao próximo como a nós mesmos, choremos estas almas que já são do diabo!

Geraldino BRITES

## EM VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Continuam a aparecer grandes vestígios da existência de jazigos petrolíferos nesta região

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 5.—Pela tarde de hoje, nesta localidade, na área dos Galeões, que fica ao sul desta vila, estava a funcionar no leito do rio «Quadiana» uma outra nova sonda pertencente às obras deste porto, cuja distância da sondagem a que se estava a proceder, fica para o sul, na mesma direcção, a uns 600 ou 700 metros, retirada da outra sonda, onde primeiramente apareceu o tão falado gás inflamável.

Pois na referida sonda, quando o seu pessoal conseguiu perfurar uns 8 metros de profundidade, sentiu repentinamente um grande ruído subterrâneo junto do fundo do tubo da mesma sonda, cujo ruído, que é muito parecido ao dum motor, em pleno funcionamento, continuou a ouvir-se e em seguida pela extremidade do tubo deleva gás em grande quantidade. Depois pegaram-lhe fogo e formou-se uma brilhante chama com maior intensidade do que a primeira, que se descobriu há quasi dois meses. A hora que tudo esta notícia a chama já não existe, pelo motivo de a mandarem apagar e tapar o orifício do tubo, para evitar que saísse mais gás.

Com este aparecimento já são quatro descobertas deste misterioso fenómeno, de maneira que o povo desta vila encontra-se outra vez bastante entusiasmado, havendo diversas opiniões, dizendo-se que o sub-solo de Vila Real encerra importantes jazigos de petróleo.—C.

## Avenida da India

Ainda não pôde ser assinada a escritura da passagem da Avenida da India para a posse da Câmara, devido ainda depender essa passagem de uma pequena negociação a realizar. Só depois disso um engenheiro delegado do ministério do Comércio se apresentará para assinar a escritura a celebrar com a Câmara.

## Noticias telegráficas do estrangeiro As cóleras fascistas

A guerra às oposições faz-se com fúria

ROMA, 9.—O parlamento reuniu-se esta manhã, realizando-se uma manifestação ao sr. Mussolini, ao dar entrada na sala. Não foram pronunciados discursos de congratulação, por o Duce ter manifestado esse desejo. Para a mesa foi seguidamente enviada uma moção propondo a expulsão dos deputados da oposição ou a sua abstenção dos trabalhos da câmara. O ministro da Justiça, sr. Rocco, enviou à presidência da câmara, uma proposta de lei acerca do restabelecimento da pena de morte em Itália. A proposta entrou imediatamente em discussão, sendo rapidamente aprovada.

Por excesso de velocidade

PARIS, 9.—Causou boa impressão em todos os círculos a promessa de que o governo italiano vai pedir à imprensa que modere a sua atitude relativamente à França.—(L.)

As intenções são boas...

ROMA, 9.—Um comunicado oficial desmente as notícias que têm corrido no estrangeiro acerca da revisão de passaportes. Todos os estrangeiros que possuam os seus documentos em ordem podem dirigir-se e permanecer tranquilamente em qualquer ponto da Itália.—(L.)

Os diplomatas conferenciam...

PARIS, 9.—O sr. Briand conferenciou largamente com o ministro italiano, sr. Avezzana, acerca das relações franco-italianas após os últimos incidentes de Vintimille e Tripoli.—(L.)

Estudantes que protestam

PADOMA, 9.—Os estudantes da Universidade realizaram um grande comício de protesto contra os incidentes ocorridos em Viena, durante a conferência do deputado e professor universitário Bodrero.

## A reacção na Alemanha

Revelações sobre as manobras dos reacclonários

PARIS, 9.—Os jornais informam que o Montag Morem, de Berlim, publica documentos sobre as relações existentes entre as «soft-disants» seções operárias e as formações regulares da Reichswehr, especialmente um relatório do governo prussiano citando nomes de oficiais da Reichswehr e levando os filiados das sociedades Olympia e Viking para o terreno da Reichswehr. O mesmo jornal reproduz igualmente um «laissez-passer» estabelecido por uma seção e assinado pelo ministro Gessler, autorizando o seu titular a usar armas e requerendo às autoridades militares para que lhe fosse prestado auxílio e protecção.—(H.)

Guilherme vai regressar

LONDRES, 9.—Segundo notícias recebidas nesta cidade, Guilherme II prepara-se para abandonar o castelo de Doorn, onde tem habitado desde o fim da guerra, para ir ocupar o castelo de Hamburgo.—L.

Novidades bolxevistas

Comemorando a revolução russa

ROMA, 9.—Comemorando o nono aniversário da revolução russa, a embaixada soviética ofereceu uma grandiosa recepção, à qual assistiu o corpo diplomático.—L.

Fala-se de uma revolta de camponeses

BERLIM, 9.—Segundo informação da imprensa de Moscou, os montanheses de Baghestan revoltaram-se contra o domínio dos soviéticos.—L.

A política burguesa

Revolta na Nicarágua

MANAGUA, 9.—Os revolucionários liberais ocuparam Matagalpa, uma das maiores cidades de Nicarágua. Em consequência do aspecto que a revolução está assumindo, o ministro dos Estados Unidos pediu ao seu governo o envio de tropas para proteger as plantações americanas de café.—L.

Liberdade de voto...

MEXICO, 9.—As eleições mexicanas decorreram tumultuosas alguns pontos do país, resultando 10 mortos e mais de 30 feridos.—L.

Um general grego

ATENAS, 9.—Em consequência das eleições terem dado a maioria aos republicanos, o general Kondylis, presidente do governo, deliberou entregar o poder ao «leader» dos republicanos Kafandaris.—L.

A China chama Alberto Xavier

PEKIN, 9.—A China está atravessando uma crise financeira, em consequência de ter sido embargada a exportação de prata de Tien-Tsin.—L.

Os maus pastores

BERLIM, 9.—O congresso socialista suíço resolveu em princípio a entrada na II Internacional, por 249 votos contra 70, e a adesão por 190 contra 101.—H.

## Vapor «Lima»

Informação do Diário de Notícias de ontem:

Partiu ontem a bordo do vapor «Lima» para a Madeira o dr. sr. Aurelio Botelho Moniz, director do Posto Agrário. No mesmo barco seguiram também com destino aos Açores 122 passageiros, que ali vão fixar residência, entre os quais se contam Manuel Matos «Pintor» e Serafim Pinheiro.

## Bairro Social do Arco do Cego

Por acordo entre o governo e o município, vai passar para a posse da Câmara o Bairro Social do Arco do Cego.

## Foi ontem entregue ao ministro da Instrução uma representação dos estudantes de liceus sobre o elevado custo das propinas

O dr. Ricardo Jorge prometeu mandar sustar as actuais tabelas de preços

Os estudantes na redacção de «A Batalha»—No ministério da Instrução—Uma conversa com um estudante—Está arredada a ideia da greve

Causou agradável impressão nos nossos leitores, principalmente, entre os estudantes e os pais destes, o nosso editorial de ontem acerca do aumento do custo das matrículas que, a manter-se, obrigará muitas crianças a abandonarem os estudos.

Um enorme grupo de estudantes veio ontem à nossa redacção saudar A Batalha pela sua intervenção no caso. Encheu-se esta casa de gente moça e entusiástica que, apesar da sua pouca idade, não deixa de saber pugnar pelos seus legítimos direitos, ao lado dos quais A Batalha se encontra, como é de justiça.

Os estudantes lezados foram ontem, depois de terem saudado A Batalha, ao ministério da Instrução a fim de entregarem ao dr. sr. Ricardo Jorge (filho) a representação que a seguir reproduzimos:

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Ministro da Instrução Pública:—Os abaixo assinados, representando o sentir de todos os estudantes pobres portugueses, vêm junto de v. ex.ª pedir que sejam revistas as tabelas do custo das propinas dos estudos secundários, as quais, tal como estão, vão obrigar um elevadíssimo número de estudantes a abandonar os estudos nos liceus, por absoluta carência de meios para os poder continuar.

Certos de que v. ex.ª se atenderá em tão justa pretensão que lhes permitirá prosseguir nas carreiras que tão orgulhosamente encetaram, saúdam v. ex.ª, sr. ministro, em nome de todos os estudantes pobres.

Feliciano Valente e Joaquim Lemos, do Liceu Gil Vicente; Augusto Soto Gonçalves Vaz e António da Costa Lobato, do Passos Manuel; Mário Romano e Alberto Rodrigues Baptista Gomes, do Pedro Nunes.

## Os estudantes no ministério da Instrução

O Terreiro do Paço à hora vespertina tinha uma nota buliçosa, emprestada pela mocidade dos liceus que ontem foi entregue ao ministro da Instrução a representação que acima publicamos.

Em todas as expressões se notava uma grande satisfação, um anseio de libertarem-se do pesado encargo que o elevado custo das propinas dos estudos secundários constitui.

Enquanto a comissão esperava que o ministro a recebesse, os estudantes discutiam com calor e vivacidade a medida do governo ouvindo-se as mais discordantes referências à atitude do dr. Ricardo Jorge, por ela vir coarctar o direito dos menos endinheirados estudarem.

No número dos protestantes encontrava-se um rapaz de cor, Bernardino Facha, 14 anos que trabalha à noite no teatro Maria Vitória para sofrer alguns proveitos para os seus estudos e de dia é aluno do 3.º ano de

um dos liceus. Com os novos encargos este rapaz não poderá completar os seus estudos porque isso lhe é materialmente impossível.

Há um outro estudante, Carlos Alberto Caldas Ferraz, talvez o mais pequeno dos reclamantes, que frequenta o 4.º ano e a quem o custo das novas propinas colocaria a impossibilidade de prosseguir nos seus estudos.

Outros rapazes poderiam servir de exemplo para provar que se não fôr derogada a medida do governo, a questão complicar-se-ia ao ponto de roubar às aulas uma boa percentagem dos actuais estudantes porque as suas condições económicas não lhes permitem seguir os estudos.

\*\*\*

A comissão dos estudantes, representando os liceus Gil Vicente, Passos Manuel e Pedro Nunes foi recebida pelo dr. Ricardo Jorge, ministro da Instrução, a quem fez entrega da representação pedindo a revisão das tabelas do custo das propinas.

O ministro, que a recebeu amavelmente, declarou aos impetrantes que ia ordenar imediata suspensão do decreto sobre reforma de ensino na parte que ele se refere ao aumento do custo das propinas.

Acreditou o dr. Ricardo Jorge que enquanto o assunto não fosse sujeito a um novo estudo, os alunos dos liceus ficariam desobrigados de pagar o preço das novas matrículas, subsistindo a tabela antiga.

Os comissionados saíram muito satisfeitos com as promessas do ministro da Instrução, indo transmiti-las aos seus colegas que aguardavam nas arcadas o resultado da conferência, os quais por sua vez também ficaram satisfeitos.

Falamos com o sr. João Sobral Sequeira, um dos membros dessa comissão. Sobre os objectivos dos estudantes o nosso collocutor disse-nos o seguinte:

—O sr. ministro prometeu ordenar a suspensão da medida que nos trouxe aqui. Os motivos que determinaram os nossos protestos desapareceram, não se justificando agora qualquer acto de rebeldia.

Folgámos imenso que o conflito tivesse tido pronta solução. A Batalha, que foi um dos jornais que mais denodadamente defendeu as reclamações dos estudantes, folgará ainda muito mais se o ensino fôr facultado a todos aqueles que desejam estudar, mas que o não podem fazer, por falta total de recursos.

## PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

—Organização Social Sindicalista 3300  
Antonelli, —A Rússia bolxevista, ... 2300  
Gura Merlier, —A razão dum padre 5300  
Dufour, —O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes), .... 8300

## Uma nota officiosa do Sindicato da Construção Civil do Porto sobre o êxodo dos trabalhadores

Não podia o Sindicato Unico da Construção Civil do Porto, em face da emigração de trabalhadores da construção civil para o Rio de Janeiro, deixar de tornar público que em todo o Brasil se estão fazendo sentir os efeitos desastrosos da crise de trabalho, já devido à crise económica que apodera todos os países, já devido à invasão de trabalhadores de outros países.

Se em Portugal a situação dos que trabalham é de extrema miséria, nos outros países, nomeadamente no Brasil, ela não é melhor.

Logo a emigração não vai aliviar a situação das vítimas da fome, porque a crise de trabalho é geral.

Para que não se dê o facto lamentável de muitos trabalhadores chegarem ao Rio de Janeiro e ali não terem onde colocar-se arrostando assim com as vicissitudes e inclemências próprias dessa situação, o Sindicato signatário aconselha os trabalhadores que pensam emigrar a informarem-se primeiramente das condições económicas e industriais dos países antes de se dirigirem.

Do Rio de Janeiro chegou há pouco notícia de que a abundância de braços está produzindo efeitos muito críticos. Devido a esse facto, enquanto não melhorar a situação ninguém deve embarcar para aquela cidade.

Qualquer esclarecimento pode ser pedido à rua de Entrepredezes, 33, 1.ª, sede do organismo que subsegue a presente.—O Sindicato da Construção Civil do Porto.

## O reino de Deus

Informam da Arcada: «A comissão administrativa dos seminários da Arquidiocese de Braga pediu ao Governo que lhe fosse entregue o edificio onde funcionou o Seminário Conciliar daquela cidade, a fim de ali restabelecer o ensino religioso. O ministério da Guerra informou, porém, o da Justiça de que por enquanto não pode dispensar o referido edificio, que se encontra em seu poder, por nele estarem instalados vários serviços e repartições militares, mas que vai procurar fazê-lo, para o que se torna necessário levar a efeito a ampliação do quartel de infantaria 8.ª».

Como se depreende desta notícia a Igreja continua, sem esforço, e sem dispendir um centavo, conquistando terreno — e edificios...

## ASSINEM Os mistérios do Povo



## TEATRO NACIONAL

HOJE  
Tel. N. 3049COMPANHIA  
BERTA BIVAR—ALVES DA CUNHA  
A's 21 horas: representação  
do sensacional drama em 4 actos

## O PARALÍTICO

peça que todos devem ir ver  
para apreciar o notável trabalho do ilustre  
actor

ALVES DA CUNHA

O mais artístico espectáculo  
da actualidadeÚltimas notas do Congresso  
Extraordinário de SindicatosNa reportagem das últimas sessões do  
Congresso Extraordinário dos Sindicatos  
de Lisboa publicaram-se duas erratas que  
merecem rectificação.A primeira deve-se a uma gralha involun-  
tária e refere-se ao documento apre-  
sentado pelo delegado António Costa, dos im-  
pressores tipográficos.Na segunda conclusão desse documento,  
em lugar do que foi publicado, deveria ter  
sido o seguinte: «deve a C. G. T. manter  
inflexivelmente a sua característica sin-  
dicalista incompatível com a sujeição a  
qualquer das Internacionais existentes»,  
etc.A outra errata deve-se a má interpreta-  
ção e refere-se às declarações de Ernesto  
Bonifácio. No final do discurso deste dele-  
gado lê-se que «discordo do critério dos  
delegados da Construção Civil por favore-  
cer a propriedade privada».A verdade é esta: os delegados da cons-  
trução civil haviam discordado de uma  
conclusão da tese de Inquilinato porque  
manifestava um princípio que, na prática,  
favoreceria o desenvolvimento da proprie-  
dade privada. O relator da tese, Ernesto  
Bonifácio, é que no seu discurso contestou  
esta opinião com ponto de vista contrário.Um esclarecimento do Sindicato dos Em-  
pregados no Comércio e IndústriaDo Sindicato dos Empregados no Comércio  
e Indústria recebemos a seguinte nota  
oficial:«Tendo este organismo constatado que a  
moção que apresentou no Congresso Ex-  
traordinário dos Sindicatos de Lisboa, sobre  
«Unidade Sindical», tem sido mal in-  
terpretada por uns, e desvirtuada por outros,  
a ponto de alguns sindicatos quando se  
procedeu à votação, mercê dos factos  
acima apontados, terem feito declarações  
que não correspondem à verdade dos factos,  
vem o Sindicato dos Empregados no Com-  
ércio e Indústria por as coisas no seu  
verdadeiro lugar, para se evitarem especu-  
lações que de futuro se possam vir a  
fazer.Dizem por exemplo os metalúrgicos na  
sua declaração de voto «que registam a  
moção dos empregados no comércio e in-  
dústria, porquanto a designação imediata  
e provisoriamente a designação da A. I. T.»Em primeiro lugar os metalúrgicos não  
registaram a nossa moção pela razão sim-  
ples de que ela não chegou a ser posta à  
votação, devido a ter sido aprovada a mo-  
ção da construção civil, que por conse-  
quência prejudicou a deste sindicato, visto  
que a doutrina das duas moções era idên-  
tica, diferindo apenas na forma de realizar  
o objectivo em vista, que consistia da  
construção civil na realização de um Con-  
gresso Confederal Extraordinário, e a deste  
organismo propunha um referendário à or-  
ganização confederada, por achar impos-  
sível nestes meses mais próximos devido à  
enorme crise de trabalho que avassala todas  
as classes, a realização de um congresso,  
que não terá a representação da totalidade  
das classes confederadas.Quanto ao ponto em que afirmam que  
nós preconizamos a imediata e provisória  
saldar da A. I. T., é tudo quanto há de me-  
nos verdadeiro.Bastará fazer-se a leitura dum dos  
considerandos e duma das conclusões da  
nossa moção de que seguem publicamos, para  
se ver quanto de errado tem aquela afir-  
mação:«Considerando que diversos sindicatos,  
desejando se estabelecer a unidade na Or-  
ganização Sindical, propõem como base a  
suspensão da adesão à A. I. T., e como tal  
resolução não pode sair dum reunião local  
como a que a C. S. T. de Lisboa acaba de  
convocar, mas, sim dum congresso confede-  
ral ou dum referendário dimanado da  
C. G. T.»«2.º Propõe ao Conselho Confederal a  
nomeação de uma comissão de 5 membros:  
sendo dois representando organismos par-  
tidários da A. I. T. e 3 delegados  
indicados ou aceites por aqueles com o en-  
cargo de elaborarem um referendário im-  
parcial que será submetido à apreciação  
dos sindicatos aderentes com a consulta  
da suspensão ou manutenção da adesão à  
A. I. T.»Lamenta o Sindicato dos Empregados  
no Comércio e Indústria que estes mal en-  
tendidos se verifiquem pois que já na tese  
«Crise e horário de trabalho» se desvirtu-  
ou o espírito do nosso parecer, forçan-  
do-nos também nessa altura a virmos a pú-  
blico desmentir as afirmações feitas e ten-  
do os nossos delegados em pleno con-  
gresso, protestado contra esse facto.

## AGREMIações VÁRIAS

Grupo Libertário «Os Filhos da Li-  
berdade». — Reuniu no dia 3 do corrente  
este Grupo, com sede em Gaia, tomando  
importantes resoluções. As reuniões or-  
dinárias passam a ter lugar quinzenalmente,  
às quartas-feiras, sendo a próxima em 17  
deste mês.Logo que as suas disponibilidades o per-  
mitam este grupo entrará em larga activi-  
dade. Foi registada a adesão de dois novos  
socios.Toda a correspondência deve ser dirigida  
para: J. Vieira Alves, rua General Torres,  
143, 1.ª—Gaia.

Lê-se o Suplemento de A BATALHA

A BATALHA na provincia  
e arredoresFoz do Douro  
No dia dos mortosFOZ DO DOURO, 7. — Ofereceu-nos as-  
pectos interessantes a passagem do tradi-  
cional dia dos «fies», assinalado aqui com  
visitas e adornamento das campas no cemité-  
rio—costume revelador de muita ignorân-  
cia—e ida à missa logo de manhã, não es-  
quecendo, também, a sermoneada, como é  
próprio destes dias.Vamos focar um facto que verificámos na  
rápida visita que fizemos ao cemitério  
para «ver», e que demonstra bem o  
quanto há de hipocrisia no procedimento  
de muitos que rendem culto aos mortos.Há bem pouco tempo morreu um indivi-  
duo que foi guarda-noturno e que deixou  
viúva uma mulher exuberante de vida. Ela,  
talvez forçada pelo instinto sexual, não tar-  
dou em agregar a si um novo indivíduo, e  
assim tem vivido sem que alguém tenha que  
ver com isso. O que é censurável e mere-  
cedor de ser escandalizado é o facto de,  
muito católicamente e... hipocritamente,  
ir verter lágrimas por sobre a terra que co-  
bre o que foi seu marido e que muito cedo  
esqueceu. Vimo-la e sentimos repugnância  
por tanta hipocrisia.Não é esporádico este caso, mas, por si  
só vale para condenar o muito de farsa que  
o culto dos mortos encerra.Fez-se tanta propaganda das qualidades  
oratórias do abade de São Mamede que não  
resistimos à tentação de o ir ouvir, mesmo  
para saber o que nos espera depois de  
mortos. Como orador não é o que se dizia,  
mas, em compensação, revelou tão profun-  
dos conhecimentos sobre «o que somos» e  
«o que iremos ser» que abandonámos o  
pouco que tínhamos aprendido com os  
«parvos» dos sábios—esses «insensatos»  
que consomem a existência em «estúpidas»  
investigações—para só acreditarmos nas  
definições do abade de São Mamede, sobre-  
tudo nas demonstrações que fez de «além-  
túmulo». Ora o parvo do abade!... «Sa-  
bem o que nos espera, segundo esta «sa-  
piência»?Isto: quando morremos a alma «vôa»  
para «cima» indo dar a uma encruzilhada—  
faz lembrar os saltadores — de onde par-  
tem três caminhos.Encontra-se «lá» instalado o tribunal di-  
vino — Deus e companhia — que nos julga  
conforme os actos praticados. E, eis que  
«partimos» para a felicidade eterna, dor  
temporária ou dor eterna... se graves fo-  
rem as canalhices que praticámos, conforme  
o destino que Deus nos «traçou» — ajuntamos  
nós. Uma vez fechados, a chave da porta  
cai no regaço da pessoa mais querida que  
tenhamos cá na terra e que rezará por nós,  
etc., etc., etc.E repito, este expoente máximo da in-  
telligência de todos os ouvintes a contradição!  
Sabia que quasi todos aceitariam aquelas  
reverendíssimas patranhas como verdades  
indiscutíveis, e que aquele que tentasse  
desmascarar-lo seria, «talvez», esgarateado  
pela turbamulta dos fanáticos.De contrário, não havia de, tão infame-  
mente, escarnecer de tantas pessoas, sem  
que uma voz rebelde se fizesse ouvir. Não,  
sr. abade de S. Mamede e quejandos.—C.

## Elvas

Na perspectiva de um futuro  
sombrioELVAS, 6. — O declinar do verão foi sem-  
pre para os trabalhadores o anúncio de uma  
época de luta, fome e miséria, sempre hu-  
milhante e aterradora, e que toma diferen-  
tes aspectos, conforme os rigores que o in-  
verno oferece. A presente promete ser terri-  
vel.Lutar com as intempéries que muitas ve-  
zes os impedem de trabalhar, lutar com o  
patronato, que espeltra sempre a ocasião  
mais oportuna para dar apertados formidáveis  
na lancha escravizadora, lutar, enfim,  
com a desmedida ambição dos comercian-  
tes que, sem respeito pelo seu semelhante,  
falsificam e encarecem os gêneros de que  
precisam e para os trabalhadores obra que  
merece toda a atenção, energia e união, sob  
pena de verem os seus filhos tornados as  
miseráveis vítimas da desigualdade social, que  
é próprio com o seu alheamento pelo  
ativismo não alimentado. Já devido às  
chuvas alguns dias se têm passado sem que  
no campo se possa trabalhar, contudo, como  
é princípio ainda não tomou esta questão  
um aspecto grave. Mas vejamos os salários:  
os trabalhadores que (mais devido à sua  
desorganização) são obrigados a trabalhar  
em lugar distante durante 15 dias consecuti-  
vos, visto não terem descanso semanal,  
sujeitos a uma alimentação inferior, auferem  
por cada dia de labor 3500 e 2550, isto é,  
o suficiente, somente, para adarem e  
farrapados, e se têm compenheira e filhos  
estes são estes que mais sofrem as consequên-  
cias deste mal.Em relação, os que trabalham mais pró-  
ximo e que não estão sujeitos à alimentação  
acima, lucram com o seu esforço diário  
9500 e 8500; para sermos rectos na verdade  
diremos também que alguns chegam a 10500,  
mas são menos. E sobre comerciantes, tudo  
o que se dissesse não representaria uma  
parte da verdade.Servem-se de todos os argumentos para  
justificar a sua ganância: escassez, dificul-  
dade de compras, etc., etc. No mercado  
têm aparecido carnes de inferioríssima qua-  
lidade e aumentando sempre de preços, que  
se vão tornando escandalosos e paralela-  
mente todos os gêneros de reconhecida ne-  
cessidade, não falando no peixe, que muitas  
vezes desce à sepultura, por não haver  
aqui próxima fábrica de guano, para não ser  
vendido mais barato.E a fechar estas cenas que colocam os  
trabalhadores numa situação angustiosa,  
está a crise de trabalho propostamente  
provocada, é claro e ante a qual não ficará  
decerto imóvel quem até aqui tem sucedido.  
É necessário muita força moral, abando-  
nando a taberna, que sempre lhes acarreta  
enormes prejuizos, como se tem visto, e dar  
ao seu Sindicato profissional o melhor do  
seu esforço, para enfrentar estes problemas  
de perto os interessados e dos quais de-  
pende o seu bem estar e dos seus.—E.A VENDA A 10.ª SÉRIE  
DE OS MISTÉRIOS DO POVOInteressante romance histórico profun-  
damente ilustrado desde as primeiras  
idades do homem até à revolução  
Francesa.Assinatura: pelo correio cada série de 10  
tomos com obra de 320 páginas 6\$00.

Lê-se mais batalha que no género se publica

## TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 8,45 h.  
Despedida das três grandes atracçõesROUSSANOWA-DEMINE  
Célebres bailarinos russosADELINA NAJERA  
Estrela do couplet sentimentalDIAVOLINA  
gentil bailarina espanhola

No écran: «Atila, cavaleiro selvagem», 5 partes

Concerto pela FOZ MELODY BAND

A.ª noite: Carmen Chinchilla, bailarina es-  
panhola; Bette Daurigny, cantora fran-  
cesa e lírica, que faz o seu adeus  
a Portugal

## INSTRUÇÃO

Universidade Nacional de Instrução e Educação

Na secretaria da 2.ª secção desta Univer-  
sidade, instalada na rua do Paraíso, n.º 28,  
1.ª, continuam abertas as matrículas todos  
os dias das 13 às 15 horas e das 19 às 23  
horas, para os cursos diurnos e nocturnos  
de primeiras letras, instrução primária, cali-  
grafia, português, francês, aritmética e escri-  
turação comercial, podendo inscreverem-se  
nestes, cursos como alunos, todos os in-  
divíduos de ambos os sexos, crianças e adul-  
tos de qualquer profissão.

Universidade Livre

E' no próximo dia 22 que se inaugura o  
novo ano lectivo, continuando no entanto  
aberta a inscrição de matrículas para os  
cursos fixos de português, francês, inglês,  
escriituração comercial, aritmética, dictio-  
grafia e geografia.

Curso de Profissional de Escriitura

Com grande afluência de alunos abriu  
ontem o novo ano lectivo no Curso de  
Profissional de Escriitura que a Associa-  
ção de Classe de Empregados de Escriitura  
no instituiu e mantém. Na secretaria, rua  
da Madalena, 225, 1.ª, continuam a prestar-  
se todos os esclarecimentos sobre o curso  
das 21 às 23 horas.

Operários Alfaiates

Durante o corrente mês encontra-se  
aberta a matrícula para frequência da aula  
de corte profissional, encontrando-se na  
sede, rua dos Fanqueiros, 300, 2.ª, todas as  
2.ª feiras um componente da comissão es-  
colar que dará aos interessados todos os  
informes.

Universidade Nacional de Instrução e Educação

No desejo de contribuir para a extinção  
do analfabetismo nas classes trabalhadoras  
pela instrução e educação, resolveu esta  
prestimosa Universidade abrir a sua 7.ª  
secção na rua Barão de Sabrosa, 81, 1.ª, a  
qual ministrará cursos nocturnos de pri-  
meiras letras instrução primária, podendo  
os empregados no comércio, operários e  
seus filhos, inscreverem-se, todas as noites  
das 21 às 23 horas, no local acima indicado.

A nomeação de professores locais

Foram ontem assinados os decretos no-  
meando professores provisórios dos liceus  
de Lisboa e provincia, nomeações que se  
encontravam pendentes em consequência  
dos interessados terem apresentado recla-  
mações que o Conselho Superior de In-  
strução Pública tem de resolver.

## Sociedade «A Voz do Operário»

Na Sociedade «A Voz do Operário» con-  
tinua aberto o concurso para professores  
do curso diurno e é aberto concurso para  
professores de curso diurno, para as vagas  
que ocorrerem durante dois anos ou para  
os lugares que se criem.

## MUSICA

Concursos Fão no Ginásio

Tardes verdadeiramente encantadoras  
para quantos prestam culto à arte musical  
são as que lhes vão ser proporcionadas, no  
Ginásio, com a realização dos Concertos  
Fão, que na época transaccão, e no mesmo  
teatro, obtiveram o mais brilhante êxito.  
Para agora, o maestro Fernandes Fão, que  
continuará dirigindo a «Orquestra Por-  
tuguesa», conseguiu reunir as mais célebres  
composições de maestros atamados, muitas  
das quais serão, pela primeira vez, apre-  
ciadas em Lisboa. No 1.º «Concerto Fão»,  
marcado para domingo próximo, e entre  
outros trechos de sensação, repetir-se-á a  
famosa «Rapsodia Oriental» do compo-  
sitor russo Lasporque, em vários concertos  
anteriores, fez vibrar de emoção e entusias-  
mo os numerosos «amantes» d'elles  
concertos. A bilheteria do Ginásio (em  
continuação a alhura inensas pessoas, ad-  
quirindo bilhetes para os «Concertos Fão»,  
que, embora não tivessem diminuído os  
encargos, são facultados ao público por  
um preço mais reduzido.

## Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda  
uma bela obra deRICARDO MELLA,  
IDEÁRIO.que consta dum volume  
de 336 páginas dividido  
nos seguintes capitulos:Doctrina — Crítica Social — Educação  
Libertária — Tática — Evolução  
Revolução — Violência — Libertária  
Autoridade — Ensayo Filosófico —  
Território — Ideias Iconoclastas — Moral  
Temas sociológicos — Pedagogia —  
Vida Espiritual — Homens Representa-  
tivos — Trabalho Político — Letu-  
ras — Fragmento Inedito.Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$30  
pedidos à administração de  
«A BATALHA»Um facto que se confirma  
por escrituraA Comissão Administrativa do Município  
autorizou a fusão da Companhia dos Ele-  
ctricos com a dos Ascensores ou antes a pas-  
sagem desta Companhia para a dos Ele-  
ctricos, devendo ser assinada a respectiva  
escritura. Não deve surpreender esta noti-  
cia: trata-se de um facto já evidenciado pú-  
blicamente e que a escritura vai confir-  
mar. Os passageiros das linhas da N. C. A.  
M. L. não notavam diferença das linhas da  
Carris de Ferro de Lisboa.

## Lei do inquilinato

Foi ontem publicado o decreto que pro-  
rroga até 31 de Dezembro de 1927 o artigo  
13.º da lei n.º 1662 que prescrevia que vige-  
rão até 31 de Dezembro de 1927 as dis-  
posições restritivas acerca de arrendamentos  
de prédios urbanos.

## Lei do inquilinato

Foi ontem publicado o decreto que pro-  
rroga até 31 de Dezembro de 1927 o artigo  
13.º da lei n.º 1662 que prescrevia que vige-  
rão até 31 de Dezembro de 1927 as dis-  
posições restritivas acerca de arrendamentos  
de prédios urbanos.

## TEATRO AVENIDA

Teatro mais popular de Lisboa  
Tel. N. 4365HOJE, às 21,30 horas  
COMPANHIA SATANELA-AMARANTEEspectáculo sem fim em Lisboa e o único  
teatro que explora com êxito o grande  
gênero da comédia musical

O monomental «vaudeville»

## O PÃO DE LÓ

A estreia da companhia de opera

E' no próximo dia 8 de Dezembro que  
faz a sua estreia, no teatro de S. Carlos, a  
grande companhia de opera italiana, que é  
composta por autênticas celebridades que  
no Scala de Milão e em todos os teatros lí-  
ricos têm obtido o maior successo.— No programa desta noite do Coliseu,  
figuram, em terceira apresentação, os nota-  
veis artistas Will Abbott e irmãos Sagres,  
que, respectivamente, em equilíbrios cómicos  
e em ginástica, são dos melhores que  
têm vindo a Portugal.— O negro Aristides, com os seus duzentos  
saltos mortais, ininterruptos, no seu leito  
diabólico continua a merecer do público os  
mais vibrantes aplausos.— Amanhã realiza-se uma grandiosa «maté-  
ria» em que, dentro da gratuidade às crian-  
ças até aos dez anos.— «A Princesa Manequim», no Apolo é  
um grande espectáculo e a peça, cheia de  
atractivos, com uma montagem soberba,  
tem a valorizá-la os riquíssimos vestuários  
dos artistas e até das discípulas e corpo  
coral. A partitura da «Princesa Manequim»  
é regida superiormente pelo maestro Joa-  
quim Alagiar.— «Sonho de uma noite de Agosto» é das  
comédias de Muñoz Seca, aquela que me-  
lhor fala ao coração de meridionais e que  
os artistas da notável e primorosa compa-  
nhia Amelia Rey Colação-Robles Monteiro  
interpretam tão deliciosamente que o es-  
pectáculo decorre de modo que o público  
sai do teatro com uma grande sensação de  
bem-estar, de alegria e de prazer espiritual.— «Maravilhas» é a linda opereta que o  
São Luís tem apresentado com notabilissi-  
mo êxito, e que todos devem ir ver apro-  
veitando estas noites, pois em breve vai ser  
retirada da scena para dar lugar à segunda  
peça do repertório: a célebre opereta vien-  
nesa «Príncipe Orfio».

«O êxito de O Paralítico»

A peça «O Paralítico», que há catorze  
noites está em scena no Teatro Nacional,  
tem sido alvo das maiores atenções da crí-  
tica e dos mais calorosos aplausos do  
público.«O Paralítico» repete-se hoje e, estamos  
certos de que o Teatro Nacional se tornará  
a encher.

«O pão de ló» na brecha

Continua em pleno successo, no Avenida  
«vaudeville», «O Pão de Ló», a peça de  
maior nomeada em todo o país e a que  
melhor agrada a todo o público por ser, sim-  
ultaneamente, comédia e opereta, três actos  
de risota permanente, ornados de linda  
música, polvilhados de canções e núme-  
ros cantados e tendo no segundo acto a  
grande atracção do já célebre «Fado do Solda-  
do», cantado primorosamente pela que-  
rido e popular actor Esteves Amarante.

«O Pão de Ló» repete-se hoje.

No Salão Foz

A noite de hoje, no Foz, é um grande  
acontecimento artístico, porque se despen-  
dam quatro notáveis artistas que ali vem  
obtendo successos êxitos: Roussanowa e  
Demine, nos seus formidáveis balladins  
russos, entre os quais devemos destacar a  
«Dansa sagrada», «A aranha» e a «mosca»  
e o «Chèvrouille»; Adeline Najera, encan-  
tadora completista; e Diavolina, gentil bai-  
larina. No écran exhibe-se o célebre «film»  
em 5 partes «Atila, cavaleiro selvagem», e  
a «Foz Melody Banda» dará o seu costumeado  
concerto.Amanhã, estreia-se a formosa bailarina  
espanhola Carmen Chinchilla e a distinta  
cantorinha francesa Yvette Daurigny, e a  
popularíssima e admirável completista  
cómica e de fantasia, Pitulilla, dará o seu  
adeus a Portugal, fazendo os melhores nú-  
meros do seu esplêndido repertório.A' venda na administração  
de «A Batalha»

Cartilha do homem do povo..... 5\$0

Programa agrícola do Partido Ope-  
rário Francês, por Paulo Lot-  
te..... 5\$0O que é ser socialista?, por Ernesto  
da Silva e Luís Batalha..... 5\$0Deus, o Diabo e o Homem, por Lou-  
renço da Silva..... 1\$50Cartas políticas, por João Chagas  
diversos números, cada exemplar..... 1\$00

A Humanidade, por Jani Javol..... 1\$50

O Abortamento, por Dr. Conleymon  
e I. Budin..... 2\$00Montanha Jesuitica, por Melchior  
Zachner..... 2\$00Os gatos, por Filipe de Almeida, os  
três primeiros números da 2.ª série  
O Mito, pelo prof. Almeida  
Paiva..... 2\$50Os Crimes da Sacristia, por Alexan-  
der Barbas..... 3\$00A Religião da Humanidade, por José  
Augusto Correira..... 3\$50A Filologia perante a História, por  
Nobre França..... 5\$00

## Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de edi-  
tar, em folheto, o decreto 536, de 7 de Maio  
de 1919 e respectivo regulamento publicado no  
Boletim da Câmara de 26 de Maio sobre o ho-  
rário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 5\$1.  
Aos interessados que desejem adquirir quantida-  
de irá-se-lhes um folheto de 50 por cento em pa-  
cotes de 50 folhetos.A CURA DAS DOENÇAS PELAS  
PLANTAS, livro útil as boas donas de  
casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.  
Pedidos à administração de A Batalha.

## Lei do inquilinato

Foi ontem publicado o decreto que pro-  
rroga até 31 de Dezembro de 1927 o artigo  
13.º da lei n.º 1662 que prescrevia que vige-  
rão até 31 de Dezembro de 1927 as dis-  
posições restritivas acerca de arrendamentos  
de prédios urbanos.

## Lei do inquilinato

Foi ontem publicado o decreto que pro-  
rroga até 31 de Dezembro de 1927 o artigo  
13.º da lei n.º 1662 que prescrevia que vige-  
rão até 31 de Dezembro de 1927 as dis-  
posições restritivas acerca de arrendamentos  
de prédios urbanos.

Lê-se o Suplemento de A BATALHA

## TIVOLI

TELEFONE N. 5174  
ÀS 21 HORAS

## O ÚLTIMO DOS HOMENS

(Film sem interros)  
Super-Hit Realista de U. F. A., de Berlim  
Protagonista: o célebre actor alemão

EMIL JANNINGS

POMBA MENSAGEIRA

Comédia de Aventuras com FRED  
THOMSON e o seu cavalo «Rato»UMA CINÉ-FARÇA  
REVISTA DE ACTUALIDADES

Amanhã—Matinée às 3 horas

A neutralidade  
do ensinoAs «crenças» sociais e científicas, em ge-  
ral, actualmente assentes constituem, desde  
o presente, uma concepção integral do mun-  
do físico e moral muito superior a todas as  
concepções religiosas e metafísicas ante-  
riores; formam um fundo comum, cuja so-  
lidez é bastante para a unidade essencial  
do nosso ensino. Esta unidade é, além disso  
— é talvez o mais importante — assegura-  
da pela conformidade dos nossos métodos  
puramente positivos.A nossa Universidade é naturalmente to-  
lerante, no sentido largo desta palavra, que  
muitas vezes cobre um scepticismo dissol-  
vente; a tolerância implica o mais largo li-  
vre exame; mas, porisso mesmo, não nos  
pensamos dever recuar perante a discussão  
dos preconceitos e quaisquer outros que  
estão em contradição com a pura verdade  
científica. Se esta discussão pode ser tida  
como secundária, no ensino das sciências  
físicas e naturais propriamente ditas, não  
deve, todavia, ser eliminada. Em todo o  
caso, esta neutralidade é impossível no en-  
sino das sciências sociais, incluindo a fi-  
siopsicologia, onde, naturalmente, cada  
ideia emitida opõe-se a estados de cons-  
ciência existentes e tem por fim, precisa-  
mente pelo embate, pela exposição e con-  
flito, suscitador novos estados.A ideia de neutralidade, no ensino das sciências so-  
ciais, só pode surgir na mentalidade de po-  
líticos doutrinários despidos de todas as  
noções psicológicas e pedagógicas. Basta  
assinalar que um estado de consciência só  
nasce por oposição a outro, e que a neu-  
tralidade, isto é, um estado de indiferença,  
seria a própria negação da consciência. O  
escravo não é livre, quando não sente as  
correntes; só o é, se elas se quebraram.A nossa neutralidade pode ser, apenas,  
uma neutralidade armada e combativa,  
quando necessária; e é necessária. Nós não  
fecharemos, portanto, as nossas portas aos  
estudantes conservadores e clericais; mas  
prevenimos-lhes, lealmente, de que tentare-  
mos convertê-los; não queremos ser seus  
prisioneiros; esperamos, pelo contrário, po-  
der captá-los o mais cedo possível, libe-  
tá-los, quebrar as correntes da sua servidão,  
e isto por meio da simples demonstração,  
discussão e persuasão.Nas nossas salas de estudo, no nosso la-  
boratório de sciências sociais, terão oca-  
são de apresentar aos seus professores to-  
das as suas objecções; assim, mais uma vez,  
mas não pela



**MARCO POSTAL**  
Sintre. — Carlos F. Gato. — Recebemos vale de 3000. Assinatura paga até 31 de Maio, p. p.  
Graça do Divo. — A. Gaspar. — Recebemos 10000 que pagou a assinatura do corrente mês.

**CAMBIO**

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		95000
Madrid cheque		2599
Paris, cheque		563
Suiza, cheque		578
Bruxelas cheque		55
New-York, cheque		1960
Amsterdão, cheque		7584
Holanda, cheque		585
Brasil, cheque		2570
Praga, cheque		558.5
Stuttgart, cheque		5624
Austria, cheque		2577
Berlim, cheque		4567

**TEATROS**  
Nacional. — A's 21, 15. — O Parafítico.  
Avenida. — A's 21. — O Pão de Ló.  
Trindade. — A's 21, 15. — Revue des Reves.  
Politeama. — A's 21. — Se eu quizesse...  
São Luís. — A's 21. — Maravilhas. (La Callesera).  
Ginásio. — A's 21. — Sonho de uma noite de Agosto.  
Apolo. — A's 20, 30 e 22, 30. — A Princesa Manequim.  
Eden. — A's 20, 45 e 22, 45. — Cabaz de Mourgos.  
Variedades. — A's 20, 30 e 22, 45. — Caricoll.  
Maria Vitória. — A's 20, 30 e 22, 30. — Pistôla.  
Coliseu. — A's 21. — Companhia de circo.  
Salão Foz. — A's 15 e às 20, 30. — Variedades.  
Avenida Parque. — Diversões.  
**CINEMAS**  
Tivoli. — Avenida da Liberdade. — Olimpia. — Matinees e soirées. — Salão Central. — Praça dos Restauradores. — Chiado Terrace. — Rua António Maria Cardoso. — Cinema Condes. — Avenida da Liberdade. — Pathé Cinema. — Rua Francisco Sanches. — Salão Ideal. — Rua do Loreto. — Eden Cinema. — Rua do Alívio (Alcantara). — Cine Paris. — Rua Ferreira Borges. — Alhambra. — Parque Mayer. (Variedades). — Salão Lisboa. (Monraria). — Cine Esperança. (Rua da Esperança). — Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatôgrafo. — Salão da Promotora. — A's 20 horas.

**Policlínica da Rua do Ouro**  
Entrada: RUA DO CARMO, 93  
TELEFONE N. 5353  
Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — A's 6 horas.  
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.  
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.  
Pele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às 3 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.  
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.  
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.  
Doenças das mulheres — Dr. Emilio Palma — 2 horas.  
Doenças das crianças — Dr. Filipe Mano — 12 horas.  
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 3 horas.  
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.  
Cancro e radio — Dr. Cabral de Melo — 1 hora.  
Rins — Dr. Aluísio Saldaña — 1 hora.  
Análises — Dr. Gabriel Beato — 4 horas.

**AOS MARCENEIROS**  
Jacarandá serrado a 1000 o quilo. Casquinha, pinhos, freijó, mogno, nogueira, vinhático, cedro, etc., e mgrossuras. Fôlha: guarnecimentos feitos. Serradura a 505 o quilo. Calçada do Tijolo, 41 (ao Bairro Alto).

**Lotaria do Natal**  
Em 23 de Dezembro de 1926  
Prêmios maiores... 4.000.000\$00  
1.200.000\$00  
Bilhetes a 1.000\$00 e 600\$00. Pelo correio mais \$80.  
Pedidos a

**Campião & C.**  
116, RUA DO AMPARO, 116  
LISBOA

**ISQUEIROS**  
Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.  
Pedidos a:  
**FRANCISCO LATTA**  
LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

**LA NOVELA IDEAL**  
Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de um amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

**Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses**  
Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894  
Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas

Nos termos da 2.ª parte do art. 31.º e seguintes dos Estatutos desta Companhia, aprovados por Alvará de 30 de Novembro de 1894, é convocada a Assembleia Geral Extraordinária dos Srs. Accionistas, possuidores de 100 ou mais acções, segundo os preceitos do mesmo art. 31.º, para se reunir em Lisboa, na sede social, no dia 27 de Novembro de 1926, pelas 14 horas.

**ORDEN DO DIA**  
1.º Deliberar sobre uma proposta do Conselho de Administração para que a Companhia se encarregue da construção da projectada linha de Tomar à Nabareth;  
2.º Autorisar o Conselho de Administração em negociações com o Governo para o estabelecimento do contrato de construção e exploração da linha de Rio Maior e Ramal de Peniche, nos termos do Decreto n.º 12.524, de 22 do corrente, publicado no «Diário do Governo» n.º 23-1.ª Série, da mesma data.

Para os srs. Accionistas poderem tomar parte nesta Assembleia, devem as acções nominativas ter sido averbadas até ao dia 27 de Outubro corrente, inclusive, e as acções ao portador ter sido depositadas até às 12 horas do dia 12 de Novembro p. futuro.  
Em Lisboa — Na sede da Companhia; no Banco de Portugal; no Banco Commercial de Lisboa; no Banco Lisboa e Açores; no Banco Nacional Ultramarino; no Monte-Pio Geral; no Credit Franco-Português; na casa Bancria Fonseca, Santos & Viana.  
No Porto — Na filial do Banco Nacional Ultramarino.  
Em Paris — Nas caixas do Comptoir National d'Escompte de Paris; do Crédit Lyonnais; da Société Générale de Crédit Industriel et Commercial; da Société Générale pour favoriser le développement du Commerce et de l'Industrie en France; da Banque de Paris et des Pays-Bas, e da Filial do Banco Nacional Ultramarino.  
A proposta do Conselho de Administração, a submeter à apreciação da Assembleia Geral que fica convocada, está patente na sede social da Companhia, para ser examinada pelos srs. Accionistas que houverem efectuado o depósito das suas acções.  
Os bilhetes de admissão à assembleia geral serão passados pela Comissão Executiva da Companhia, em vista das acções averbadas ou dos recibos dos depósitos das acções ao portador.  
A assembleia constituiu-se e poderá validamente deliberar nos termos dos estatutos designados Art. 31.º  
Lisboa, 27 de Outubro de 1926.  
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral (a) Carlos Ary Gonçalves dos Santos.

**A GRANDE BAIXA DE CALÇADO**  
SÓ COM O LUCRO DE 10%  
NA  
**SAPATARIA SOCIAL OPERARIA**  
Sapatos para senhora... 3000  
Sapatos em couro... 2800  
Botas pretas (grande salto)... 4800  
Botas brancas (salto)... 4800  
Grande salto de botas pretas... 8000  
Lêis de couro para homem... 4000  
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com a Casa...  
Ver bem, pois a encontra bem a barata.  
A Social Operaria e a Casa da Sapataria, 16-20, com Filial na mezanina, n.º 45.

**LA NOVELA SOCIAL**  
LA LOCA VIDA  
E' o título do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

**A BATALHA**  
NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS sem consultar  
a Empresa de Limas União Tomé Fátima, Lda  
Sede em VIEIRA DE LEIRIA  
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras  
EXPERIMENTAR É ADOPTAR — Visitem a nossa agência em Lisboa  
Travessa do Fala 56, 9-B  
TELEF. N. 3415

**O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS**  
**A Cooperativa Lisboense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O**  
Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro  
Telefones: Norte 5521 e 5528  
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

**PELES!!!**  
A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a  
**PELARIA CONFIANÇA**  
6 — Rua da Palma — 3-A  
Esta casa tem sempre um grande stock de malhas para senhora, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.  
**Barreiros & Jesus**  
TELEF. N. 3691

**Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"**  
Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.  
O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.  
Encadernação (por capas e índice) 20\$00.  
Capas e índice em separado, 15\$00.  
Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

**"A BATALHA" no Funchal vende-se no Bureau de La Presse.**

**O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária**  
Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1900.  
Pedidos à administração de A Batalha.  
**Revolução Social e o Sindicalismo**  
Por Arkínof. Preço 1500.

**Edições SPARTACUS**  
A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3000.  
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6000.  
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6000.  
A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.  
Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

**História Universal del Proletariado**  
«Veinte siglos de opresion capitalista»  
Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.  
Cada fascículo de 48 páginas, 1000 pelo correio, registado, 1600.  
Estão publicados os seguintes fascículos:  
1.º — La era de la esclavitud;  
2.º — La rebelión de Espartaco;  
3.º — Abolición de la esclavitud;  
4.º — Abolición y Servidumbre;  
5.º — La revolución de los siervos;  
6.º — La miseria de los agricultores;  
7.º — Transformación del Poder Feudal;  
8.º — El comunismo cristiano;  
9.º — Los miserables en la Edad Media;  
10.º — La libertad ilusoria;  
11.º — La agonia del absolutismo;  
12.º — El trabajo motor universal;  
13.º — El imperio de la guillotina;  
14.º — Las ideas sociales y la revolución francesa;  
15.º — Los primeros tiempos del salariado;  
16.º — Hospitales, cárceles y asilos;  
17.º — Las crueldades de la burguesia republicana;  
18.º — Los héroes de la Comuna;  
19.º — Horribles matanzas de Comunistas;  
20.º — La Republica Española y la clase obrera;  
21.º — La Primera Internacional;  
22.º — El socialismo ante el Parlamento español;  
23.º — El futuro obrerista profetizado por Castelar;  
24.º — Pi y Margall confunde a los enemigos del socialismo;  
25.º — Los precursores del Proletariado moderno;  
26.º — Crueldades burguesas;  
27.º — Los mártires de Chicago;  
28.º — Muerte heroica de cinco proletarios;  
**Edições de "A Sementeira"**  
Práticas neo-maltusianas... 500  
O sentido em que somos anarquistas... 300  
A peste religiosa... 400  
A Liberdade... 500  
A Internacional (música e letra)... 300  
Pedidos à A BATALHA ou no Caiso Sodré, 82  
**O calçado mais sólido e mais barato de Lisboa vende-se no depósito da Sapataria Brasil, Rua da Madalena, 206 e 212, a quem apresente este anúncio, desconto 5%.**

**Livraria de A BATALHA**

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIAS E ENSINO	Jorge Teixeira, — Catunus de Luva Branca — A Escamalha (peças de teatro).....	2500
Abel Botelho — Amanhã.....	Juliano Quintinha.....	8500
Alexandre Herouano.....	Vinhos do Mar.....	8500
Lendas e Narrativas (2 volumes), Cartas (2 volumes).....	Cavalgada do Sonho.....	8500
18000	Terras de Fogo.....	8500
18000	Dor vitoriosa (novela).....	8500
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.).....	Laisant, — Iniciação matemática.....	5000
27000	Malvert, — Ciência e Religião.....	10500
Adolfo Lima.....	Mário Domingues — Hugo, o pintor (novela).....	325
Contrato do Trabalho.....	Anastácio José (idem).....	325
Educação e ensino.....	Manuel Ribeiro.....	4500
O ensino da história.....	Mirbeau — O Jardim dos Suplicios.....	4500
10500	Meguiara de Brito.....	15000
Aquino Ribeiro.....	1 — Memórias de Angela Pinto.....	325
Anatole France.....	Sangue Fidalgo (novela).....	325
Entrada de São Tiago.....	Não, diz e Lei (novela).....	8500
10500	Pargame — Origem da vida.....	8500
Erasmio das Tormentas.....	Olivera Martins.....	15000
Via Sinuosa.....	Helenismo e a Civilização Cristã.....	15000
As Filhas da Babilónia.....	História da Civilização ibérica.....	15000
10500	História da República Romana (2 volumes).....	30000
Terras do Domo.....	História de Portugal (2 vols.).....	30000
10500	Raças Humanas (2 vols.).....	30000
Augusto Machado — Impossível redenção (novela).....	O Brasil e as Colónias Portuguesas.....	15000
225	Cartas Peninsulares.....	15000
Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (Fados).....	Sistema dos mitos e ficções religiosas.....	15000
10500	Orlando Margai.....	6500
Bento Faria.....	Agua clara.....	1500
10500	Imagens de Sonho.....	1500
O Estado e a evolução do Direito O Amor e a Vida.....	Raul Brandão.....	10500
5000	Os Pescadores.....	10500
Ceias dos Pobres.....	Os Pobres.....	8500
2500	O Teatro.....	8500
A Revolução em Portugal.....	Spencer — Da Educação (br. 5500) enc. Sobral de Campos — Dois tiros (novela).....	8500
6500	25	4500
Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela).....	Tolstoi — A sonata de Kreutzer.....	4500
325	Ana Karenine (3 vols.).....	15000
Duarte Lopes — Frei Sangue.....	Toulouse — Como se deve educar o espírito.....	4500
5500	Wenceslau de Moraes.....	12500
Ega de Queiroz.....	Dai-Nippon.....	10500
O crime do Padre Amaro.....	Victor Hugo.....	10500
18500	France e Belgica.....	15000
O primo Basilio.....	O Reno (2 vols.).....	15000
15000	Os Miseráveis (2 grossos volumes).....	40500
O Mandarim.....	Trados, encadernados.....	40500
8500	Zola.....	12500
Os Maias (2 vols.).....	A Taberna.....	5800
28500	Tereza Raquin.....	5800
A Reliquia.....	Alegria de viver (2 vols.).....	8500
15000	A conquista de Plassans, (2 vols.).....	8500
A Cidade e as Serras.....	Fecundidade.....	20500
12500	A fortuna dos Rougons, (2 vols.).....	8500
Fradique Mendes.....	Uma página de amor.....	9500
9500	Dr. Pascal.....	8500
Casa Ramires.....	FOLHETOS	
15000	Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja	1500
Prosa Bárbara.....	A Evolução legal e a anarquia	300
10500	Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.....	500
Ecos de Paris.....	José Prat — A burguesia e o proletariado.....	500
9500	A necessidade da Associação.....	500
Cartas Familiares.....	Content — Contra o confusãoismo.....	500
9500	Alfredo Neves Dias — Razão (poemeto social).....	500
Cartas de Inglaterra.....	Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social.....	500
9500	Landauer — Social Democracia.....	500
Minas de Salomão.....	R. Mela — O principio do fim.....	500
9500	A maçonaria e o proletariado.....	500
Notas Contemporâneas.....	J. Most — Peste religiosa.....	500
15000	João P. do Rio.....	500
Últimas páginas.....	Definições sociais.....	500
15000	Horas anarquistas (versos).....	500
Contos.....	Trovas da Noite.....	1500
15000	Roberto, o pescador.....	1500
Ernesto Haackel.....	Memórias do Parque de São João do Forte.....	750
História da Criação.....	Carnet de Pensamento.....	200
20500	J. Bakunine — O sentido em que somos anarquistas.....	500
Origem do Homem.....	Chica — Como não ser anarquista.....	500
5000	Lazare — A Liberdade.....	500
Os enigmas do Universo.....	B. Etivart — A minha defesa.....	500
14500	J. Kropotkin.....	500
Monismo.....	Os besteiros da guerra.....	500
4500	Moral anarquista.....	500
Religião e evolução.....	O espírito revolucionário.....	500
6000	O estado e o seu papel histórico.....	1500
As maravilhas da vida.....	J. Guedes — Lei dos Salários.....	500
Faguet — Iniciação filosófica.....	Briand — A greve geral.....	500
5000	Roland — Russia Nova.....	500
Iniciação literária.....	O sindicalismo e os intelectuais.....	500
10500	D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário.....	500
Faria de Vasconcelos.....	A. Hamon — A crise do socialismo.....	500
Problemas escolares.....	J. Santos — A transformação da sociedade.....	500
5500	Neno Vasco.....	300
Por terras de além mar.....	Georgicas.....	1500
5000	Greve de inquilinos, teatro.....	1500
Ferreira de Castro.....	Proletariado Histórico.....	1500
Sangue Negro.....	G. Archinof — A Revolução social e o Sindicalismo.....	500
2550	Carlos Rates — Aditadura do proletariado.....	1500
Sentidas de Lirismo e de Amor.....	Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus.....	1500
8500	Rodolfo Rocker — O sindicalismo revoluc. e a organização operária.....	1500
A Peregrinação do Mundo Novo.....		
6500		
F. Castro e E. Frias — A Bôca da Esfinge.....		
8500		
Flammarion.....		
Iniciação astronómica.....		
5500		
Contos de luar.....		
5500		
Como acabar o mundo.....		
7500		
Os habitantes dos outros mundos.....		
4500		
Felipe de Dantes — As influências ancestrais.....		
10500		
Aticismo.....		
6000		
Fialho de Almeida.....		
Lisboa Calante.....		
10500		
Estâncias de Arte e Saúde.....		
9500		
Figuras de destaque.....		
9500		
Actores e Autores.....		
9500		
Contos.....		
9500		
A Esquina.....		
9500		
Avés Migradoras.....		
9500		
Barbear, Pentear.....		
9500		
Cidade do Vício.....		
9500		
Pasquinadas.....		
10500		
País das Uvas.....		
9500		
Saibam quantos.....		
9500		
Vida errante.....		
9500		
Vida irónica.....		
9500		
Guerra Ingleira — A morte de D. João.....		
10500		
Musa em férias.....		
9500		
Os Simples.....		
7500		
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo).....		
14500		
Brochada.....		
10500		
Gorki — Os Degenerados.....		
4500		
Os Vagabundos.....		
4500		
Na Prisão.....		
2550		
Ibsen — Espectros.....		
4500		
Casa de bonecas.....		
5500		
Jacquinet — História Universal, 2 v. Jaime Cortezão — Adão e Eva (teatro).....		
10500		
José Benedy — A ciência redentora (novela).....		
5500		
Jesus Peixoto — O mestre geral (novela).....		
225		
225		

aberta a sessão, os delegados da secção dos Lombardos foram admitidos à barra,  
O orador da deputação, (com um barrete vermelho na cabeça e uma espingarda na mão). — Cidadãos representantes, a corte atraçou o povo! a secção dos Lombardos aderiu à insurreição, e, ao romper do dia, vai tomar parte no ataque das Tulherias. Vamos reunir-nos aos nossos irmãos.  
Pastoret. — O povo deve respeitar a lei e a Constituição.  
A estas palavras do cidadão Pastoret, violentos protestos se levantaram na extrema esquerda da Assembleia. Pastoret cedeu então o lugar a Morlot, presidente da Assembleia. Neste momento, três oficiais municipais, pertencentes ao antigo conselho, foram também introduzidos à barra.  
O presidente, (aos oficiais municipais). — Os senhores têm a palavra.  
Um oficial municipal, (pálido e comovido). — Toca-se a rebate em Paris, e a irritação popular chegou ao último extremo. Todas as secções se estão reunindo, armadas; muitos colegas nossos foram presos, quando iam, por ordem do conselho, informar-se do estado dos ânimos. Os revoltosos preparam-se para atacarem as Tulherias ao romper da manhã.  
Um membro da esquerda. — Seria um acto de perfeita justiça. E' nas Tulherias que está o maior inimigo do povo. E' preciso que o aniquile o povo soberano! (Entusiásticos aplausos nas tribunas).  
Durante este tumulto, entra um continuo, que se chega precipitadamente para a mesa e entrega uma carta ao presidente, que a lê, toca a campainha para reclamar silêncio, e diz:  
O presidente. — Senhores, acabo de saber, pelos administradores da policia, que a cada instante chegam ao paço municipal delegados das secções a perguntar pelo sr. Petion, por se ter espalhado o boato de ter sido ido esta noite ao castelo, e o povo teme que ele tenha lá sido assassinado pelos realistas.  
A estas palavras, sobre ao último extremo a agita-

ção das tribunas. O patriotismo, a coragem, a ilimitada dedicação de Petion a revolução tinham-no tornado querido do povo.  
Neste momento, Petion entrou na sala e caminhou para a barra. A sua presença provocou as aclamações das tribunas, tranquilizadas a respeito dos perigos a que estava exposto nas Tulherias o chefe da municipalidade parisiense.  
O presidente. — Sr. Petion, a Assembleia estava vivamente inquieta por sua causa... Queira explicar-nos os perigos a que o julgaram exposto...  
Petion, (grave e sereno). — Completamente absorto pelos negócios públicos, facilmente esqueço as coisas que me dizem respeito pessoalmente a mim. E' certo que esta noite, quando cheguei ao castelo, fui muito mal recebido. Desembainharam-se algumas espadas, e eu ouvi gritos ameaçadores contra mim. Mas esses gritos não me intimidaram.  
Os primeiros raios do sol fizeram empalidecer a luz dos lustres que iluminavam a sala das sessões; quasi todos os representantes do povo estavam reunidos, sentados nos seus lugares habituais. Os deputados da direita pareciam consternados.  
De repente, entrou na sala um deputado, que correu para o seu lugar, com o olhar desviado e o fôto em desalinho; este deputado, que era da direita, exclamou com voz comovida:  
— As Tulherias vão ser atacadas. As secções armadas já cercam o castelo. Uma grande parte da guarda nacional, especialmente artilheiros, fraternizou com as secções! Os canhões estão apontados para o castelo; as tropas que o defendem estão resolvidas a uma luta desesperada; vai derramar-se sangue, e está em perigo a vida do rei e da sua família!  
A Assembleia conservou-se em solenne silêncio. Um deputado da direita ergueu-se e disse com a voz trêmula.  
— Peço que seja nomeada imediatamente uma comissão para ir convidar o rei a vir para o seio da Assembleia, colocar-se sob a nossa protecção.

O presidente. — A Assembleia não pode deliberar sobre essa proposta, porque a constituição deixa livre ao rei a faculdade de vir ao seio da Assembleia quando o julgar conveniente.  
Chega à barra um juiz de paz, num estado de extrema agitação, e diz:  
— Sr. presidente, eu estava há um quarto de hora no pátio do castelo, e fui testemunha de factos graves, que podem elucidar a assembleia acerca da situação dos assaltantes e dos defensores do castelo, neste momento em que uma luta terrível se vai travar, luta em que pode bem sossoberar a monarquia.  
O presidente. — Fale, senhor.  
O juiz de paz. — Esta manhã, às seis horas, o rei desceu ao pátio das Tulherias, a fim de passar revista às tropas. Acompanhava-o a rainha, e atrás d'elles vinha um grupo de fidalgos com trajes palacianos, armados uns de espadas, outros de carabinas, etc. Esta insolente e ridícula escolta produziu logo na guarda nacional um péssimo efeito. Depois, tanto era firme e resoluta a atitude da rainha, quanto era hesitante e indecisa a do rei, que parecia vir ainda a dormir. Contudo ouviram-se alguns gritos de «Viva o rei!» Mas os batalhões da Cruz Vermelha e todos os artilheiros bradavam: «Viva a nação!» Eu até ouvi alguns gritos de: «Abaixo o Veto! abaixo o traidor!» O rei empalideceu, fez um gesto de cólera, e entrou bruscamente no castelo. A rainha, que ficou no pátio, aproximou-se do estado maior dos batalhões de Mauconseil, e dos Arcis, e disse apontando para o grupo de fidalgos que a acompanhavam:  
— Estes senhores são os nossos melhores amigos; acompanham-nos no momento do perigo, e hão de mostrar à guarda nacional como um bom soldado morre pelo seu rei!...  
O juiz de paz foi interrompido, cobrindo-lhe a voz um grande tumulto fora da sala, no pátio do Picadeiro; ouviam-se clamores que se aproximavam cada vez mais. Muitos deputados se levantaram, e alguns des-

ceram precipitadamente dos seus bancos, e exclamaram cheios de terror.  
— O povo invade a Assembleia!  
Alguns dizem aos que acabavam de levantar-se: — Deixem-se ficar nos seus lugares!... Saibamos, se fôr preciso, morrer no nosso pósto!  
E' imensa a agitação, tanto nas tribunas como na sala. Em vão o presidente agitava a campainha, pedindo aos seus colegas que voltassem aos seus lugares e que se sentassem. Como o não atenderam, ele levantou-se e pôs o chapéu. Os clamores de fora tornavam-se cada vez mais próximos. Nisto entraram, correndo, alguns continuos. Um d'elles, subindo a escada que conduzia à cadeira presidencial, disse algumas palavras em voz baixa ao presidente, que fez um gesto de extrema surpresa, e começou a agitar furiosamente a campainha, enquanto os outros continuos, indo de grupo em grupo e subindo acima dos bancos, espalhavam entre os representantes uma notícia que parecia produzir n'elles uma extraordinária sensação. Pouco a pouco se restabeleceu o silêncio, e o presidente pôde então dizer com voz comovida:  
— Meus senhores! o rei e a sua família abandonaram o castelo e dirigem-se para o seio da Assembleia Nacional.  
Apareceu em seguida à barra um membro do antigo conselho municipal, e disse:  
— Sr. presidente, o rei pede para entrar aqui acompanhado pela sua guarda, que velará pela segurança d'ele e pela da Assembleia.  
A esta proposta, uma parte do centro, a esquerda, a extrema esquerda e as tribunas soltam gritos de viva indignação, e de todos os lados se brada:  
— Não! não!... A Assembleia está sob a protecção do povo!... Nada de baionetas aqui dentro!... Abaixo os pretorianos!... Viva a nação!... Abaixo o rei!  
O presidente, (com voz forte, e tocando a campainha). — Senhores, eu proponho a seguinte decisão: A Assembleia nacional, considerando que para a guardar lhe basta o amor do povo, encarrega os comissários

ceram precipitadamente dos seus bancos, e exclamaram cheios de terror.  
— O povo invade a Assembleia!  
Alguns dizem aos que acabavam de levantar-se: — Deixem-se ficar nos seus lugares!... Saibamos, se fôr preciso, morrer no nosso pósto!  
E' imensa a agitação, tanto nas tribunas como na sala. Em vão o presidente agitava a campainha, pedindo aos seus colegas que voltassem aos seus lugares e que se sentassem. Como o não atenderam, ele levantou-se e pôs o chapéu. Os clamores de fora torn



